

ANTROPOLOGIA

Antropofagia real e simbólica

Somos todos predadores ou presas, dizem os Wari', que até os anos 50 cultivaram rituais de canibalismo

■ Comendo como gente — formas de canibalismo Wari', de Aparecida Vilaça, Anpocs/Editora UFRJ, 363 páginas, Cr\$ 112.000

Berta G. Ribeiro

Comendo como gente — formas de canibalismo Wari' é originalmente uma dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional e laureada com o prêmio da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais para a melhor tese nesse nível em 1990. Elabora dados colhidos em pesquisa de campo, durante oito meses, entre os Pakaa Novos (ou Wari') — tribo indígena arredia até meados da década de 50, habitante de afluentes dos rios Madeira e Mamoré, em Rondônia — e os compara com trabalhos anteriores sobre os Wari e com os de antropólogos que estudaram manifestações necrofágicas, reais ou simbólicas, em outros grupos.

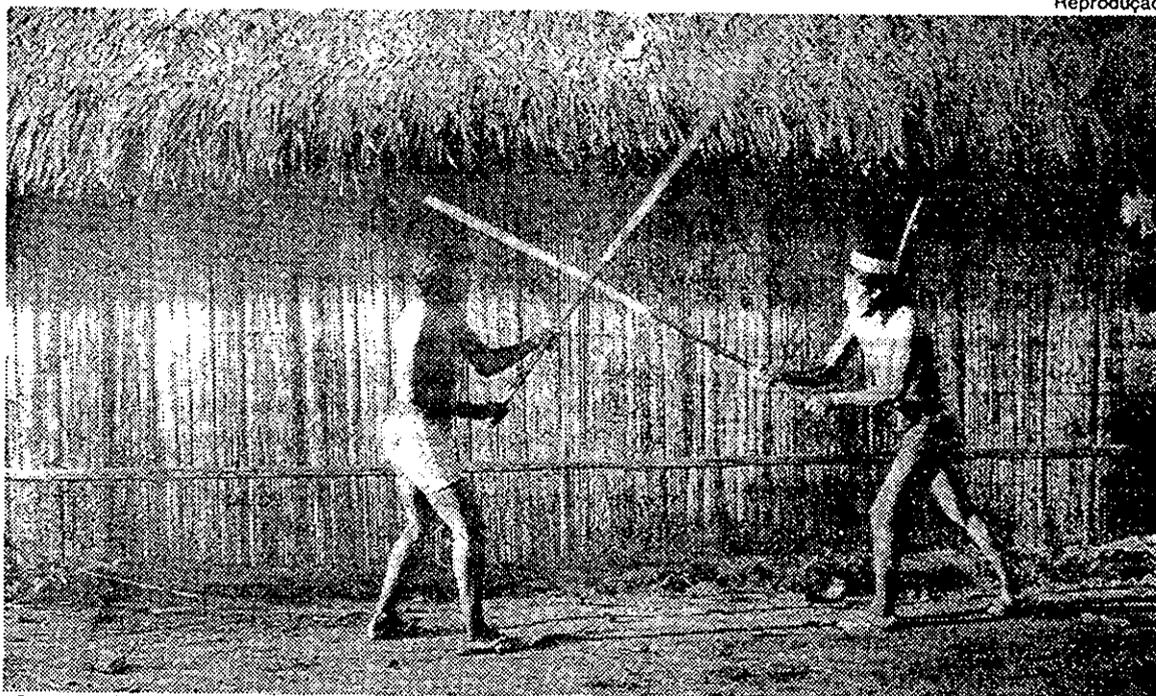
Para adequar-se ao objeto-cerne de sua dissertação — o *endo* e o *exocanibalismo* —, a autora ateu-se ao fato etnográfico, evitando juízos de valor com respeito às variantes culturais com que diversas etnias encaram a vida, o corpo e a morte. Essa isenção provém de sua dupla formação, nas ciências

Berta Ribeiro é professora no Departamento de Antropologia do Museu Nacional, UFRJ

biológicas e nas ciências sociais. Elegeu o tema por considerar que os ritos antropofágicos fariam parte de um todo interatuante, mesclando a visão do mundo, relações sociais, as alteridades e os antagonismos dos antigos Wari'. Sim, porque os Wari' atuais abandonaram esses costumes fúnebres. Persistem em sua memória e dela se serviu a autora para expor, com apuro e minúcia, o que é hoje uma obsolescência.

O tema é tratado mediante a decodificação da linguagem e, por extensão, das representações mentais, do pensamento mítico e do inconsciente coletivo dos Pakaa Novos. Palavras e frases são decompostas e depuradas com paciência e perícia. O assunto é exposto com naturalidade e maturidade, fazendo juz à vocação da antropologia de — sem etnocentrismos — tornar o estranho compreensível.

Somos todos predadores ou presas, diriam os Wari'. Diz a autora: "A pessoa Wari' é construída no ato da devoração; come-se para ser gente, ou como sugere nosso título, come-se como gente". O endocanibalismo é praticado, entre outros motivos, esclarece Vilaça, para evitar que os *jam* (almas, imagens, duplos) dos Wari' perambularem pelo espaço, sem encontrar a paz



Os Wari' praticavam o canibalismo para que os antepassados encontrassem a paz

dos mortos e ameaçando os vivos. O exo-canibalismo é exercido contra os inimigos de modo a caracterizar sua condição de presa, contraposta à posição humana dos Wari'.

Explicação semelhante é dada por Pierre Clastres para o endocanibalismo Guayaki: "A permanente confrontação entre vivos e mortos, e a constante necessidade de os primeiros se defenderem dos últimos, pode assumir formas brutais e levar ao banimento das almas pelo consumo dos corpos." São panacéias visando ao bem-estar da sociedade que, mesmo em grupos igualitários como os indígenas, se defronta com injustiças.

A antropofagia é um terreno em que se faz difícil a pesquisa empírica e, mais

ainda, a teórica. Alinham-se nela aspectos metafóricos, uma vez que, como acentua Marshall Sahlins, citado pelo apresentador do livro, Eduardo Viveiros de Castro, "o canibalismo, ainda quando real, é sempre simbólico". Adicionam-se ingredientes outros à compreensão: a história e a psicologia. Contudo, dissociar o imaterial do material é ignorar a ubiqüidade do suporte físico da ação humana.

Embora não tenha observado o fenômeno *ao vivo*, a etnografia de Aparecida Vilaça é factualmente rica. As teorias passam e as etnografias permanecem, podendo ser interpretadas à luz de novos conceitos, ou continuar inexplicadas como tantos outros mistérios da história da humanidade.

Reprodução